

GUERRA HOLANDESA — GUERRILHA E ANTIGUERRILHA

Cap Inf
AIRTON MEIRELLES BRISSAC

Antes de abordarmos o assunto propriamente dito, achamos interessante conceituar a guerrilha, como se apresenta na doutrina militar atualmente em vigor. Para isso encontramos no TE 31-21-GUERRA DE GUERRILHA E OPERAÇÕES DE FORÇAS ESPECIAIS, a seguinte definição: "A guerra de guerrilha compreende as operações de combate executadas em território sob o controle do inimigo, por forças predominantemente locais, de um modo militar ou paramilitar, a fim de reduzir a eficiência de combate, a capacidade econômica e o moral do inimigo. As operações de guerrilha são executadas por grupos relativamente pequenos que empregam táticas ofensivas. A guerra de guerrilha apóia outras operações militares."

Para melhor precisarmos este conceito, verificamos no TE 320-5-1 — VOCABULÁRIO DA ECEME, o seguinte: "Guerra de Guerrilha — É a forma de operação militar que obedece a processos empíricos ou circunstanciais, empreendida por forças irregulares. Por extensão, denominada também de guerra irregular ou guerrilha."

E, ainda, para melhor compreendermos esta última definição, procuremos na mesma publicação a definição de Forças Irregulares: — "São forças capacitadas à execução da guerra irregular, caracterizadas por organizações não institucionalizadas. Compreendem as forças de guerrilha e/ou as forças subterrâneas."

Vejamos agora quais são as características da guerra de guerrilha, para melhor apreciarmos, no quadro das guerras holandesas, o papel desempenhado por tais forças. Em primeiro lugar, e já mencionado no primeiro conceito, é caracterizada predominantemente pela *ação ofensiva* e se baseia, particularmente, na *mobilidade*, nas *ações evasivas* e na *surpresa*. Além destas características apresenta as seguintes: o *apoio da população*, o *apoio externo*, os *aspectos políticos*, os *aspectos legais* e os *aspectos do desenvolvimento*.

De posse desses conceitos e características, vejamos agora como identificar, no quadro das Guerras Holandesas, as operações de guer-

rilha ali realizadas. Para alcançarmos este objetivo abordaremos particularmente a segunda invasão holandesa, que teve como palco o atual Estado de Pernambuco.

Em 14 de fevereiro de 1630 surgia, em frente de Olinda, a grande armada comandada por LONCQ; em Recife, os luso-brasileiros, por falta de defesa, obstruíram a enseada do porto, submergindo velhos navios. As tropas holandesas desembarcaram um pouco ao norte, no Pau Amarelo, sob o comando de WAERDENBURGH, e pouco depois tomavam Olinda, onde um punhado de soldados tentou desesperada resistência. Assaltaram, logo em seguida impetuosamente o Recife, então abandonado pela população que fugira para o interior.

Com a perda dos dois redutos, Recife e Olinda, os luso-brasileiros liderados por MATIAS DE ALBUQUERQUE iniciaram as operações de guerrilha, que se aproximaram bastante das atuais táticas de guerra irregular. Para conseguir tal intento foram organizadas as "Guerrilhas" ou "Companhias de Emboscadas", com a finalidade de hostilizar o inimigo e não lhe dar tranquilidade, e que já tinham sido aprovadas quando da invasão holandesa na Bahia, em 1624.

Estas Companhias de Emboscadas ou Guerrilhas eram constituídas de 25 a 40 homens cada, entre os quais existiam muitos índios e negros. Seu armamento variava do arco, flecha e tacaço, utilizados por índios e negros, ao arcabuz ou mosquete, pique e espada, empregados pelos brancos. Como se pode ver, o armamento usado pelos luso-brasileiros era em quantidade e qualidade bastante inferior ao utilizado pelos holandeses. Aí é demonstrada, mais uma vez, pelo luso-brasileiro, a sua grande capacidade de adaptação e improvisação, pois empregando um *material inferior*, e muitas vezes o *apresado* ao inimigo, soube tirar partido do mesmo e em muitas ocasiões conseguir a vitória, apesar da inferioridade de armamento.

Além da inferioridade material, o contingente mobilizado é heterogêneo. São espanhóis a serviço da coroa; portugueses, recrutados na Madeira e nos Açores; tropas mercenárias napolitanas e até irlandesas. No entanto, o grande potencial humano que constitui as guerrilhas é formado por portugueses radicados, mazombos, índios e negros. Sua rusticidade, perfeitamente autenticada às características da região, ao clima e às provações de uma guerra íngente e áspera, assegurariam a seus valorosos chefes a faculdade de conduzir as operações, segundo uma tática adequada ao desequilíbrio de forças e, principalmente, à drástica limitação de apoio, de meios materiais e de pessoal.

Vejamos agora as táticas e os processos de combate dos luso-brasileiros, que para a época, eram bastante originais. Para se aquilatar a grande diferença entre a chamada "Guerra Brasileira" e os processos então reinantes no Velho Mundo, busquemos o tes-

temunho do Prof. GONSALVES DE MELLO, quando biografa CRISTÓVÃO ALVARES, construtor de fortificações no período holandês: — “Embora reinol, os muitos anos de sua permanência nesta parte da América fizeram dele CRISTÓVÃO ALVARES 1608-1663) — um defensor do estilo de luta, que os escritores da época chamavam de “Guerra Brasilica”. Foi um dos que primeiro registrou para a História a superioridade que “o saber da experiência feito” concedera aos que se tinham formado nas campanhas de guerrilha da “mata” nordestina, sobre os chefes militares que chegavam do Velho Mundo, tão orgulhosos de sua arte, que não aceitavam os conselhos dos “veteranos do Brasil”. Observou ele que “se deve notar que as guerras destas nossas partes da Europa são em campanhas mui rasas e descobertas, e as do Brasil e toda a América são por entre matos, donde se não guarda ordem nenhuma das que cá (na Europa) se usam, e é força que donde varia o objeto varia a ciência e a experiência nos mostrou que os mais práticos que destas partes foram, se perderam, por quererem seguir o estilo de cá, desprezando o parecer das práticas daquelas partes”. Diz ainda um autor anônimo citado por GONSALVES DE MELLO: “Porque este Novo Mundo, assim como é antípoda do Velho no sitio e calculação, assim também o é em tudo o mais. Pois se naquela parte, segundo a natureza do terreno, se peleja em campanha rasa e a peito descoberto, nesta por ser toda coberta de mato, se deve fazer detrás dos paus, como fazendo deles trincheiras”.

Usando os luso-brasileiros, processos de combate totalmente distintos dos utilizados na época por todas as potências européas, entre as quais estava a holandesa, conseguiu, por meio de emboscadas, golpes-de-mão, incursões e ataques rápidos e audaciosos, diurnos e noturnos, sobrepujar várias vezes o poderio batavo.

Para comprovarmos tais operações, procuremos o testemunho insuspeito do Coronel VAN WAERDENBURGH, governador de Olinda, em 1630, em sua carta à direção da Companhia das Índias Ocidentais: — “Além disso mandei prover as muralhas de pequenas estacadas contra a escalada dos brasileiros, que são um povo ágil e corajoso, como bem o experimentamos a 24 de maio último, quando pela manhã, fizeram uma tentativa temerária para arrancar-nos a posse da ilha de Antônio Vaz. Eu também me achava ali, porque fora inspecionar os trabalhos e acelerá-los. O ataque foi assustador, porque em menos de um quarto de hora mais de 300 brasileiros haviam escalado as muralhas e penetrado no acampamento. Entretanto, com a graça de Deus, foram repelidos e obrigados a fugir, deixando 17 mortos no acampamento e arrastando consigo vinte e tantos por meio de uma corda passada em torno do pescoço”.

Era normal também o ataque contra as fortificações em construção sob a forma de golpe-de-mão. Na mesma carta citada acima

é mencionada tal operação, nos seguintes termos: "alojando-se continuamente, todas as noites, demolindo de cada vez o que havíamos construído".

Ainda como exemplo de operação típica de guerrilha, vejamos outro trecho da mesma carta do Coronel-Governador: "voltou o inimigo ainda diversas vezes, várias noites seguidas, para incendiá-la, entre outras na de 17 de julho, entre duas e três horas da madrugada, quando reinava grande escuridão e fez um forte ataque, dando grandes gritos e servindo-se de panelas de fogos de artifício com o fito de incendiar as obras de defesa, etc..."

Outro tipo de operação muito utilizado pelos luso-brasileiros foi a emboscada, que tinha como finalidade impedir o afastamento dos holandeses de suas fortificações, como bem, prova o testemunho do Coronel WAERDENBURGH: "...se tivéssemos de ir procurar isso (materiais de construção) todos os dias, estando o inimigo alojado e escondido em toda parte, qual seria a força de comboios necessários (inevitavelmente tropas tão numerosas como as que constituem a guarnição ordinária) e qual seria a perda diária de homens?"

Outra forma de agir perfeitamente identificada com a da atual força de guerrilha está nitidamente verificada na observação do Coronel ARTICHOFKY, polonês a serviço dos holandeses: "O inimigo é extremamente ágil. Esconde-se nos matos ou nos canaviais, obriga os habitantes a lhes fornecerem informações e se os infelizes não querem dar os esclarecimentos, ameaça-os de torturas e morte. Quando os lerdos perseguidores holandeses se aproximam, desaparecem as espessuras da mata sem deixar vestígios. Eles conhecem perfeitamente as nossas fraquezas".

Verificamos também a grande semelhança da atual missão de guerrilha com a dada às Companhias de Emboscadas luso-brasileiras: "de vedar as comunicações dos habitantes (do interior) com a vila ocupada pelos inimigos (Olinda), de impedir que estes fôsem espalhando e estudando os arredores, e de fazer a todos, pelo simples fato de se familiarizarem nas hostilidades, menos propensos a reconciliar-se com o invasor".

Encontramos também as "estâncias" ou sejam, pequenos baluartes fracamente guarnecidos e armados que exerciam o papel de "bases" para as guerrilhas e, em seu conjunto, constituíam um verdadeiro sistema defensivo, porém dinâmico, guardando direções e assegurando áreas de atuação para as companhias de emboscadas ou guerrilhas operarem.

Outro fator que ficou bastante caracterizado durante a resistência ao invasor foi a vontade de lutar. Esse fator foi bastante auxiliado pela perfeita adaptação as condições da guerra, pela disposição psicológica para lutar e pelo nascente espírito de nacionalidade que

despontava, o que favorecia extraordinariamente a manutenção de um moral elevado, sem dúvida bem caracterizado nas heróicas resistências do Arraial, de Nazaré do Cabo, do rio Formoso, da Paraíba e outras, como na fase vitoriosa dos Guararapes.

Por último temos a existência de líderes, entre os quais avulta o nome de MATIAS DE ALBUQUERQUE, que pela sua exemplar conduta como Chefe inspirou os mais belos episódios de resistência, proclamados pelo próprio adversário, como o do rio Formoso, já citado acima.

Julgamos poder, com a simples menção de esparsas notícias sobre os processos de combate e com o exame superficial das características da "Guerra Brasileira", concluir pela singular atualidade de certos princípios táticos modernamente considerados. Assim, a surpresa como elemento mais importante da emboscada, pois o adversário não cairá na armadilha, desde que a assinale; a concentração das ações, alcançada pela rápida reunião de elementos participantes e da potência dos mesmos atuando a curta distância e simultaneamente; a identificação do exato local do ataque e a precisa conduta individual de cada elemento; a máxima ação de choque, buscando, caso não apanhe o adversário completamente desprevenido, pelo menos retirar-lhe a possibilidade de recorrer ao contra-ataque; finalmente, a utilização adequada do terreno, das cobertas, o isolamento das áreas e a capacidade de desengajar-se e retrair-se rapidamente.

Cumprindo, nesta conclusão, ressaltar os dois mais sugestivos fatores, inalienavelmente vinculados às modernas guerras insurrecionais — a conquista da população e a vontade de lutar — um e outro, muito bem identificados na particular atuação dos luso-brasileiros.

BIBLIOGRAFIA

- RODRIGUES, J.H. — RIBEIRO, J. — Civilização Holandesa no Brasil
SOUZA JÚNIOR, A. — Do recôncavo aos Guararapes
GONSALVES DE MELLO, J. A. — Cristóvão Alvares — Engenheiro em Pernambuco
WAERDENBURGH — Cel — Documentos Holandeses
VARNHAGEN, F.A. — História das lutas com os Holandeses no Brasil
RODRIGUES, J.H. — RIBEIRO, J. — Civilização Holandesa no Brasil
RIBEIRO, J. — História do Brasil
HOLLANDA, S.B. — Raízes do Brasil
WARNHAGEN, F. A. — História Geral do Brasil

N.R. — Este artigo se constituiu em monografia do autor quando aluno da ECEME e selecionada pela direção da Escola para publicação.